

## ADIÇÃO À INTERNET: RELAÇÃO COM A SINTOMATOLOGIA PSICOPATOLÓGICA

### INTERNET ADDICTION: THE RELATIONSHIP WITH PSYCHOPATHOLOGICAL SYMPTOMATOLOGY

L.A. Ferreira, I.C. Relva, O.M. Fernandes

ARTIGO ORIGINAL | ORIGINAL ARTICLE

#### RESUMO

O presente estudo teve por objetivo averiguar as associações entre a adição à Internet e a sintomatologia psicopatológica. A amostra foi constituída por 418 participantes, entre os 18 e os 35 anos, que preencheram um questionário sociodemográfico, o *Internet Addition Test*, e as escalas de depressão, ansiedade, hostilidade e sensibilidade interpessoal do *Brief Symptom Inventory*. Foram analisadas as estruturas fatoriais e a consistências internas das escalas. Observamos que 87.8% dos participantes tinham adição leve a moderada, sendo o sexo masculino significativamente mais adicto. A adição à Internet foi positivamente associada à depressão, ansiedade, hostilidade, e sensibilidade interpessoal. Mais ainda, analisando as diferenças entre os três níveis de adição presentes na amostra foram encontradas diferenças significativas a nível da sintomatologia psicopatológica entre todos os grupos, com exceção da hostilidade. Desta forma, o nosso estudo conclui que a adição à Internet é uma problemática com associações à sintomatologia psicopatológica, realçando a necessidade de maior atenção por parte dos profissionais de saúde quanto aos hábitos desenvolvidos *online* e da perceção que o próprio indivíduo tem do seu grau de adição.

*Palavras-chave:* adição à internet, sintomatologia psicopatológica, fatores sociodemográficos, população portuguesa

#### ABSTRACT

The present study aims to corroborate associations between Internet addiction and psychopathological symptomatology. For this purpose, a sample of 418 participants, between the ages of 18 and 35, completed a sociodemographic questionnaire, the *Internet Addition Test* and the *Brief Symptom Inventory* depression, anxiety, hostility and interpersonal sensitivity scales. The factorial structures and the internal consistencies of the scales were analyzed. We observed that 87.8% of the participants had low to mild addition, being males significantly more addicted. Internet addiction was positively associated with depression, anxiety, hostility, and interpersonal sensitivity. Moreover, analyzing the differences between the three levels of addition present in the sample, we found significant differences in the psychopathological symptomatology among all groups, except for hostility. Our study concludes that Internet addiction is a problematic with associations to psychopathological symptomatology, emphasizing the need for greater attention on the part of the health professionals, regarding the habits developed online and the individual's own perception of their degree of addition.

*Keywords:* internet addiction, psychopathological symptomatology, sociodemographic factors, portuguese population

Submetido: 01.17.2018 | Aceite: 03.05.2018

Luís Afonso Ferreira. Dept. Educação e Psicologia. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.

Inês Carvalho Relva. Dept. Educação e Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.

Otilia Monteiro Fernandes. Dept. Educação e Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.

Endereço para correspondência: Otilia Monteiro Fernandes. Quinta de Prados, Apt. 1013, ECHS-1, Gab. 2.27, 5000-881 Vila Real, Portugal.

E-mail: tila@utad.pt

A Internet é uma componente intrínseca da vida de muitos de nós, atualmente. A entrada da mesma nas nossas vidas aconteceu de forma abrupta, sem quase termos tido tempo de nos adaptarmos convenientemente. Terá, por isso, esta intromissão repentina e sem preparação causado problemas na sociedade, e a nível individual? Este facto, muitas vezes não questionado, carece hoje de uma maior preocupação por parte dos profissionais de saúde, na medida em que são os primeiros que verificam o quanto são, muitas vezes, descuidados os malefícios associados ao uso da Internet.

A Era em que vivemos é altamente talhada pelos avanços tecnológicos. Estes avanços, num curto espaço de tempo, transformaram a sociedade, tendo essas transformações repercussões a diversos níveis. Numa visão global, constata-se que a Internet é um dos principais motores de mudança pessoal e social na atualidade. Segundo dados do The World Bank (The World Bank, n.d.), cerca de 15% da população mundial tinha acesso à Internet em casa no ano de 2005. Este número aumentou, exponencialmente, para cerca de 44% da população em 2015, estimando-se, assim, cerca de 3.2 bilhões de pessoas com acesso à Internet nesse ano. Relativamente ao contexto português, verificou-se em 2015 que mais de 68% da população portuguesa tinha acesso à Internet, representando mais de 7 milhões de pessoas.

Não é novidade que as novas tecnologias, principalmente a Internet, representam diariamente novos desafios para as áreas da saúde mental, tornando imprescindível o estudo das contingências da sua utilização, mais especificamente do seu uso frequente, abusivo ou mesmo patológico. De uma forma geral, a adição à Internet é definida como sendo as preocupações excessivas ou mal controladas, os impulsos ou comportamentos a respeito do uso do computador e acesso à Internet, que causam danos ou distress (Shaw & Black, 2008).

Uma das principais linhas de investigação na problemática da adição à Internet é a sua

comorbilidade com a sintomatologia psicopatológica. A depressão é vastamente associada ao uso problemático da Internet na literatura (Jang, Hwang, & Choi, 2008; Kraut et al., 1998; Lee et al., 2008; Yen, Ko, Yen, Wu, & Yang, 2007; Yen et al., 2008). A depressão, assim como fatores associados a esta – como, por exemplo, a baixa autoestima – funcionam como fatores precipitantes da adição à Internet (Bahrainian, Haji Alizadeh, Raeisoon, Hashemi Gorji, & Khazaei, 2014). A baixa autoestima funciona, ainda, como catalisador das interações sociais na Internet, que podem ser percebidas como reasseguradoras, em consonância com a rejeição no mundo real (Niemz, Griffiths, & Banyard, 2005). Com efeito, as interações virtuais, assim como as conquistas em jogos virtuais, tornar-se-iam compensatórias das dificuldades reais do sujeito. Este mecanismo é também descrito por Griffiths (2000), referindo a existência de mecanismos de recompensa, intrínsecos à utilização da Internet, e ligados a uma perceção (apesar de limitada) de uma realidade em que os indivíduos se sentem inseridos socialmente (belongingness). Ainda Ko et al. (2014) argumentam que o escape do mundo real para o mundo virtual cria um ciclo vicioso que apenas exacerba a sintomatologia depressiva.

Outra problemática, também associada à adição à Internet, é a hostilidade (Ko, Yen, Yen, Lin, & Yang, 2007; Yen et al., 2007; Yen et al., 2008). Silke (2003) teoriza que a proteção do anonimato online potencia a hostilidade, sendo esta hipótese também argumentada na revisão de literatura por Notar, Padgett e Roden (2013) discutindo que o anonimato e a segurança transmitidos pela proteção de estar atrás de um ecrã, e não frente-a-frente com a vítima, facilita e potencializa o abuso. No entanto, Yen, Yen, Wu, Huang e Ko (2011) contrariam esta mesma hipótese, comparando a hostilidade no mundo real com a hostilidade no mundo virtual. Estes autores argumentam que na população geral a hostilidade decresce ao estar online, mas que em sujeitos com

adição à Internet a hostilidade é exacerbada, denotando assim que o efeito da Internet na hostilidade poderá ser determinado por psicopatologia subjacente.

Vários estudos demonstraram também a correlação entre ansiedade e adição à Internet (Santos et al., 2016; Weinstein et al. 2015). Explica Young (2011) que a Internet é, muitas vezes, usada como estratégia para alívio de stresse e ansiedade. Como exemplo, Tao, Wu, e Wang (2016) determinaram que a ansiedade era preditiva da adição à Internet numa população de estudantes universitários, que habitavam em dormitórios com elevada densidade populacional. Vários outros estudos corroboram estes resultados (Khoshakhlagh & Faramarzi, 2012; Lee & Leeson, 2015).

As dificuldades relacionais, correlacionadas também com a depressão, são uma condição presente e exacerbada em indivíduos com uso problemático da Internet. Com efeito, as fracas relações interpessoais contribuem para a depressão. Por esta mesma razão, a sensibilidade interpessoal é também arrolada com o uso problemático da Internet (Ko et al., 2007). Esta traduz-se numa multiplicidade de dificuldades interrelacionais como solidão (Hardie & Tee, 2007), problemas em relações íntimas (Whitty, 2005; Whitty & Quigley, 2008), e problemas relacionais no geral (Milani, Osualdella, & Blasio, 2009; Seo, Kang, & Yom, 2009).

Sobre estas problemáticas é importante destacar o estudo longitudinal de Ko, Yen, Chen, Yeh, e Yen (2009) que concluiu que a depressão, a hostilidade, a fobia social e a hiperatividade são preditores da adição à Internet. Também Ko et al. (2014), num estudo longitudinal de 1 ano, concluíram que a depressão e a hostilidade sofreram aumentos associados ao uso excessivo da Internet. Mais ainda, a sintomatologia depressiva e a ansiedade-estado e a social diminuíram com a remissão do uso da Internet.

Os estudos que têm sido desenvolvidos sobre esta problemática são, pelo conhecimento dos autores, maioritariamente focados

em populações jovens e universitárias. Especula-se que estas são especialmente vulneráveis ao desenvolvimento de uma adição com base em fatores sociais e características neurobiológicas, e mais especificamente à Internet devido ao fácil acesso e flexibilidade de horários (Panayides & Walker, 2012).

Desta forma, o presente estudo visa: (a) explorar possíveis diferenças dos níveis de adição à Internet em função do género, da idade, da situação profissional e do estado civil; (b) verificar se existem relações entre determinadas perceções subjetivas do sujeito e a adição à Internet; e (c) explorar a associação entre adição à Internet e a sintomatologia psicopatológica.

## MÉTODO

O presente estudo é de carácter exploratório e quantitativo, baseado em dados de natureza numérica que foram recolhidos através de instrumentos de autorrelato. Tem, também, um carácter transversal, pois, os dados foram recolhidos num único momento.

### Amostra

A amostra final consistiu em 418 participantes. A idade dos participantes variou entre os 18 e os 35 anos ( $M = 22.00$ ;  $DP = 4.101$ ) e mais de metade (60.3%) era do sexo feminino. Relativamente à escolaridade, os participantes tinham concluído o ensino secundário (42.3%), a licenciatura (41.1%), o mestrado (16.3%), e o doutoramento (.2%). No que concerne à situação profissional, os sujeitos estudavam (65.1%), trabalhavam (15.6%), estudavam e trabalhavam em simultâneo (13.9%), ou encontravam-se desempregados (5.5%). Por fim, em relação ao estado civil, os participantes eram solteiros (92.8%), estavam em união de facto (3.6%), ou eram casados (3.6%).

### Instrumentos

O questionário sociodemográfico foi aplicado com vista à recolha de informação relativa à idade, sexo, estado civil, situação profissional, e locali-

zação geográfica do indivíduo. Incluiu ainda questões relativas à percepção do sujeito sobre questões da sua vida associadas ao uso da Internet.

O Internet Addiction Test (IAT), criado por Young (1998), foi o primeiro instrumento validado de avaliação de adição à Internet. No presente estudo, a dependência à Internet foi avaliada através da versão portuguesa adaptada por Pontes et al. (2014). O IAT foi, ao longo dos anos, replicado, validado e testado em termos de validade e fidelidade através de vários estudos (e.g., Khazaal et al., 2008; Fernández-Villa et al., 2015; Hawi, Blachnio, & Przepiorka, 2015; Lai et al., 2013; Pontes, Patrão, & Griffiths, 2014). Deste modo, o IAT é uma adaptação dos critérios estabelecidos para o jogo patológico do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders 4th Edition (DSM-4), pois eram observáveis semelhanças a nível da tolerância e abstinência (Young, 1996). Generalizando, o IAT procura avaliar o grau de envolvimento do indivíduo com a Internet e a forma como o uso excessivo desta ferramenta o afeta negativamente nas várias áreas da sua vida. O IAT é constituído por um conjunto total de 20 itens de autorrelato, do tipo Likert, numa escala de 6 pontos, fornecendo – o score total – um índice de adição que espelha os danos causados pelo uso (leve, moderado ou severo) da Internet. Neste sentido, considera-se entre 0 a 30 pontos um utilizador normal; entre 31 a 49 pontos um utilizador com adição leve; entre 50 a 79 um utilizador com adição moderada (que pode apresentar problemas ocasionais a frequentes dado o uso da Internet) e entre 80 a 100 pontos um utilizador com adição severa (que pode apresentar problemas significativos advindos da utilização da Internet) (Young & Abreu, 2010; Ostovar et al., 2016). No que respeita aos valores para a confiabilidade para a presente amostra foi obtido o valor .88.

O Brief Symptom Inventory (BSI), desenvolvido por Derogatis (1982), foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Canavarro (1999) e constitui uma versão abreviada do SCL-90 (Symptom Checklist – 90).

Este inventário de autorresposta é constituído por 53 itens, numa escala de respostas de tipo Likert, que varia entre (0) “nunca”; (1) “poucas vezes”; (2) “algumas vezes”; (3) “muitas vezes”; e (4) “muitíssimas vezes”, onde os sujeitos classificam o grau com que cada problema os afetou na última semana. Tem como objetivo avaliar sintomas psicopatológicos através de nove dimensões de sintomatologia (somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranoide e psicoticismo) e de três índices globais (índice geral de sintomas, índice de sintomas positivos e total de sintomas positivos). Do ponto de vista clínico, a análise das pontuações obtidas nas nove dimensões fornece informação sobre o tipo de sintomatologia que mais preponderantemente perturba o indivíduo, enquanto a leitura dos índices globais permite avaliar, de forma geral, o nível de sintomatologia psicopatológica apresentado. No presente estudo foram apenas aplicadas as dimensões da sensibilidade interpessoal, a depressão, a ansiedade e a hostilidade. No que respeita aos valores para a confiabilidade, para a presente amostra, foram obtidos os seguintes valores: Depressão: .86; Hostilidade: .75; Ansiedade: .80; e Sensibilidade Interpessoal: .81.

### **Procedimentos**

A amostra foi recolhida através de aplicação de questionário online. O questionário foi disponibilizado e divulgado através de e-mail e das redes sociais Facebook e Reddit. Os participantes foram informados sobre o objetivo geral do estudo, foram garantidas as condições de confidencialidade e anonimato. Os procedimentos do estudo foram conduzidos e aprovados de acordo com o Regulamento da Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

### **Análise Estatística**

A análise estatística foi realizada através do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)

versão 23.0. Realizou-se a identificação dos missings e outliers prejudiciais à análise estatística. A determinação dos outliers efetivou-se com base na distância de Mahalanobis, eliminando os valores considerados extremos. Consequentemente, excluíram-se 14 participantes da amostra. Para além disso, testou-se a normalidade das variáveis, tendo por base o processo de inferência estatística da distribuição normal, recorrendo-se a testes paramétricos e não-paramétricos. Foram realizadas também análises confirmatórias aos instrumentos. No que concerne à análise dos dados, foram utilizados testes descritivos e correlacionais após uma análise preliminar com o objetivo de considerar violações às suposições de linearidade, homocedasticidade e normalidade. Efetuaram-se análises de variância multivariada (MANOVA's) sendo que os valores do eta parcial de .01 indicam um efeito pequeno, valores de .06 indicam um efeito moderado e valores de .14 indicam um efeito grande (Cohen, 1988). Procedeu-se ainda à realização de correlações de Pearson, sendo que segundo Cohen (1988), correlações com valores entre .10 e .29 são baixas, entre .30 e .49 são médias e entre .50 e 1 são elevadas.

## RESULTADOS

### *Prevalência de adição à Internet na amostra*

No presente estudo foram identificados três grupos de sujeitos, divididos de acordo com os critérios definidos por Young e Abreu (2010): sujeitos com um uso normativo da Internet ( $n = 55$ ; 22.2%); sujeitos com uma adição leve ( $n = 228$ ; 59.8%); e sujeitos com uma adição moderada ( $n = 75$ ; 17.9%); não tendo sido encontrados sujeitos com adição severa, segundo estes critérios.

### *Análises diferenciais da adição à Internet em função de variáveis sociodemográficas*

Para analisar a adição à Internet em função do sexo realizou-se um t-teste. Os resultados obtidos através dessa análise estatística permitiram veri-

ficar que existem diferenças significativas nos scores de adição à Internet, com magnitude do efeito grande [ $t_{(416)} = 3.477$ ;  $p < .001$ ], com IC 95% [1.72, 6.21], sendo o sexo masculino ( $M = 41.71$ ;  $DP = 11.23$ ) significativamente mais adicto do que o sexo feminino ( $M = 37.74$ ;  $DP = 11.53$ ).

No sentido de se verificar diferenças nos scores da adição à Internet em função da idade, foram criados 2 grupos etários (dos 18 aos 26 [Grupo 1], e dos 27 aos 35 [Grupo 2]) sendo posteriormente realizado um t-teste. Os resultados obtidos através dessa análise estatística permitiram verificar que não existiam diferenças significativas nos scores de adição à Internet em função da idade [ $t_{(416)} = 1.656$ ;  $p = .099$ ], com IC 95% [-.45, 5.27] entre o grupo 1 ( $M = 39.76$ ;  $DP = 11.71$ ) e o grupo 2 ( $M = 37.35$ ;  $DP = 10.75$ ).

Foram também analisadas as diferenças entre sujeitos solteiros ( $n = 388$ ), casados ( $n = 15$ ) e em união de facto ( $n = 15$ ) em relação à adição à Internet, tendo sido encontradas diferenças significativas entre os grupos [ $F_{(2, 415)} = 7.994$ ;  $p < .001$ ]. Comparações *post-hoc*, utilizando o teste de Scheffé, permitiram verificar que existiram diferenças significativas especificamente entre o grupo de sujeitos solteiros e o grupo de sujeitos casados ( $p < .01$ ). Não se verificaram diferenças significativas entre o grupo solteiro e união de facto ( $p = .126$ ) e o entre o grupo união de facto e o grupo casado ( $p = .571$ ). Apesar de a diferença ser estatisticamente significativa, a magnitude do efeito é pequena [ $\eta_p^2 = .04$ ].

Foram ainda analisadas as diferenças de adição à Internet entre sujeitos estudantes ( $n = 272$ ), trabalhadores ( $n = 65$ ), estudantes-trabalhadores ( $n = 58$ ) e desempregados ( $n=23$ ), não tendo sido encontradas diferenças significativas entre estes [ $F_{(3, 414)} = .805$ ;  $p = .492$ ].

Por fim, foi avaliada a percepção subjetiva do sujeito de que o uso da Internet prejudicava a sua saúde física, através de uma questão (“Consideras que o uso que dás à internet prejudica a tua saúde física?”). Recorrendo ao t-teste foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos em função da adição à

Internet [ $t_{(416)} = -6.146; p < .001$ ], com IC 95% [-9.26, -4.77], tendo os sujeitos com percepção de que o uso da Internet prejudica a sua saúde física ( $M = 43.92; DP = 11.72$ ), níveis de adição significativamente mais altos do que os sujeitos sem essa percepção ( $M = 36.90; DP = 10.74$ ). Em acréscimo, foi analisada a percepção subjetiva do sujeito de que a sua vida seria mais triste sem a existência da Internet, tendo sido também encontradas diferenças significativas entre os grupos [ $t_{(416)} = -5.523; p < .001$ ], com IC 95% [-8.27, -3.92]. Os sujeitos com percepção positiva da questão ( $M = 41.96; DP = 11.07$ ) demonstraram níveis de adição significativamente maiores do que sujeitos com a percepção oposta ( $M = 35.86; DP = 11.33$ ).

#### Quadro 1

*Associação entre adição à Internet e hostilidade, depressão, ansiedade, e sensibilidade interpessoal.*

	1	2	3	4	5	$M \pm DP$
1. IAT	-					39.32 ± 11.57
2. Depressão	.397**	-				.86 ± .76
3. Hostilidade	.384**	.609**	-			.71 ± .59
4. Ansiedade	.365**	.679**	.642**	-		.68 ± .62
5. Sensibilidade interpessoal	.366**	.737**	.571**	.633**	-	.78 ± .78

Nota: IAT = Internet Addiction Test; M = Média; DP = Desvio-padrão; \*\*  $p < .001$

#### *Análise diferencial da sintomatologia psicopatológica em função do grau de adição*

Tendo por base correlações significativas entre adição à Internet e sintomatologia psicopatológica foi realizada uma MANOVA de forma a estudar as diferenças a nível da depressão, hostilidade, ansiedade e sensibilidade interpessoal em função do grau de adição.

De acordo com os resultados observados, ilustrados na figura 1, verificou-se uma diferença estatística significativa entre os grupos em estudo na combinação da variáveis dependentes [ $F_{(8, 826)} = 8.03; p < .001; \eta_p^2 = .072$ ]. Considerando os resultados para as variáveis dependentes, separadamente, verificaram-se diferenças significativas entre os grupos em todas as variáveis dependentes.

#### *Associação entre adição à Internet e sintomatologia psicopatológica*

A relação entre adição à Internet (medida pelo IAT) e a depressão, hostilidade, ansiedade, e sensibilidade interpessoal (medidas pelo BSI) foi investigada utilizando o Coeficiente de Correlação de Pearson. As correlações encontradas são apresentadas no Quadro 1.

Verificaram-se associações, positivas médias, entre a adição à Internet e a depressão ( $r = .397; p < .001$ ), entre adição à Internet e a hostilidade ( $r = .384; p < .001$ ), entre adição à Internet e a ansiedade ( $r = .365; p < .001$ ), e ainda entre adição à Internet e a sensibilidade interpessoal ( $r = .366; p < .001$ ). Existem também associações positivas elevadas entre todas as variáveis do BSI.

Especificamente a depressão [ $F_{(2, 415)} = 24.87; p < .001; \eta_p^2 = .107$ ], a hostilidade [ $F_{(2, 415)} = 21.53; p < .001; \eta_p^2 = .904$ ], a ansiedade [ $F_{(2, 415)} = 27.20; p < .001; \eta_p^2 = .116$ ], e a sensibilidade interpessoal [ $F_{(2, 415)} = 23.36; p < .001; \eta_p^2 = .101$ ].

Ainda, uma inspeção das médias marginais estimadas permitiu verificar que existiam diferenças nas médias de todas as variáveis dependentes em cada um dos grupos, revelando um aumento médio da depressão, hostilidade, ansiedade e da sensibilidade interpessoal no grupo de adição leve em comparação com o grupo de uso normal, e no grupo de adição moderada em comparação com o grupo de adição leve. Como recomendado em MANOVA's com três ou mais níveis (Pallant, 2011) foram realizadas análises *post-hoc*. Mais espe-

cificamente, foi analisado o teste de Scheffé para as variáveis depressão e hostilidade, e o teste de Games-Howell para as variáveis ansiedade e sensibilidade interpessoal, não se verificando homoge-

neidade de variâncias nestas. Foi utilizado um nível de significância de .013, ajustado segundo Bonferroni (Pallant, 2011). As análises são descritas no Quadro 2 e na Figura 1.

### Quadro 2

Análise diferencial da depressão, ansiedade, hostilidade e sensibilidade interpessoal, em função da adição à Internet.

BSI	Grupos IAT	M±DP	IC 95%	Direção das diferenças significativas
Depressão	1. Uso normal	.49±.70	[.79, .94]	3>2>1
	2. Adição leve	.81±.73		
	3. Adição moderada	1.35±.74		
Hostilidade	1. Uso normal	.45±.49	[.66, .76]	3>2
	2. Adição leve	.67±.56		
	3. Adição moderada	1.07±.63		
Ansiedade	1. Uso normal	.40±.51	[.63, .75]	3>2>1
	2. Adição leve	.63±.58		
	3. Adição moderada	1.10±.66		
Sensibilidade interpessoal	1. Uso normal	.35±.59	[.71, .86]	3>2>1
	2. Adição leve	.75±.74		
	3. Adição moderada	.124±.88		

Nota: BSI = Brief Symptom Inventory; IAT = Internet Addiction Test; M = Média; DP = Desvio-padrão; IC = Intervalo de Confiança

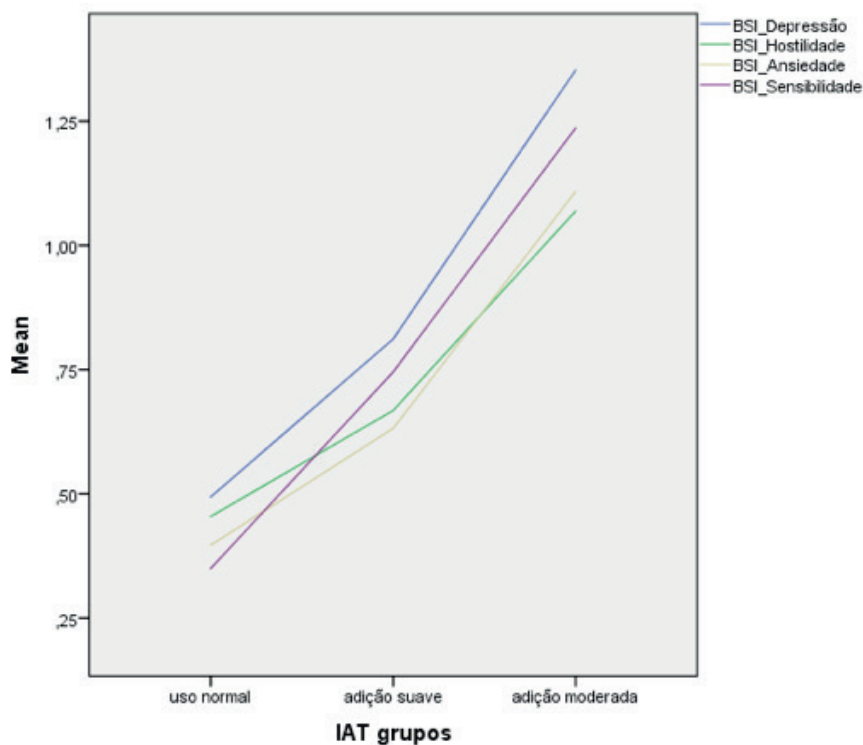


Figure 1. Diferença de médias do score do IAT em função da depressão, hostilidade, ansiedade e sensibilidade interpessoal

As análises realizadas indicam diferenças significativas nos níveis de depressão, hostilidade, ansiedade e sensibilidade interpessoal entre todos os grupos, com exceção entre o G2 e o G1 com respeito à hostilidade.

### DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo estudar as contingências psicopatológicas associadas à adição à Internet numa amostra de jovens adultos e adultos em Portugal. Considerando os objetivos propostos, o estudo procurou examinar as diferenças da adição à Internet em função de variáveis sociodemográficas, e ainda averiguar a associação entre a adição à Internet e a sintomatologia psicopatológica. Na amostra em estudo, utilizando os critérios mais recentes (Young & Abreu, 2010), a amostra não apresenta casos de adição severa, contudo apresenta uma taxa de adição leve e moderada de 77.8% ( $n = 363$ ). Estes resultados são semelhantes aos resultados obtidos por Pontes et al. (2014) numa amostra portuguesa (60% [ $n = 303$ ]).

Em relação às diferenças de género, os estudos são divergentes. Os nossos resultados vão ao encontro aos obtidos por Liberatore, Rosario, Martí, e Martínez (2011), Ostovar et al. (2016), Pontes e Patrão (2014), Sharma, Sahu, Kasar, e Sharma (2014), Widyanto, Griffiths, e Brunnsden (2011), sendo que o género masculino tem scores significativamente mais elevados do que o género feminino, verificando-se ainda esta diferença noutra estudo com o CIAS (e não com o IAT), como instrumento avaliador da adição (Ko et al. 2006). Todavia, outros estudos não encontram diferenças significativas entre homens e mulheres em relação à adição à Internet utilizando o IAT (Weinstein et al., 2015) e outro utilizando o Generalized Problematic Internet Use Scale 2 (GPIUS2) (Gámez-Guadix, Calvete, Orue, & Las Hayas, 2015). A falta de coerência nos resultados poderá dever-se tanto às diferenças na metodologia utilizada, como às diferenças culturais e também poderá demonstrar a necessidade de uma análise mais

profunda da validade externa do instrumento e a influência do género na adição à Internet (Fernández-Villa et al., 2015).

O estudo da adição à Internet é intensamente focado em populações jovens e universitárias, teorizando-se que as condições biológicas, psíquicas e sociais, únicas destes sujeitos (e.g., fácil acesso, flexibilidade de horários, instabilidade psicológica), são fatores precipitantes para o desenvolvimento de uma adição (Kim et al., 2006; Panayides & Walker, 2012), sendo encontradas, inclusive, diferenças significativas nos níveis de adição quando comparando as idades (Ni, Yan, Chen, & Liu, 2009). Apesar disto, no presente estudo, a idade do sujeito não se apresentou como um fator diferenciador da adição à Internet. Isto poderá estar associado à normatização da utilização da Internet a partir de uma certa idade, significando assim que o tipo de uso poderá ser cimentado no indivíduo na sua adolescência. Numa outra perspetiva, poderá dever-se ao facto da amostra utilizada se inserir na mesma geração, descrita na sociologia como Geração Z (Issa & Isaias, 2016), denotando-se assim uma homogeneidade na utilização recreativa da Internet.

O presente estudo não encontrou diferenças significativas em relação à utilização da Internet nos sujeitos quando analisados em função da situação profissional, contrariando os resultados de Chack e Leung (2004). Estes resultados robustecem a conjuntura de que o tipo de uso poderá estar associado à geração do indivíduo, entre outros fatores, não demonstrado ser a situação profissional um fator relevante ao desenvolvimento de uma adição à Internet. E ainda, reforçam a necessidade de investigações mais extensas destas questões, não devendo esta problemática ser forçosamente focada em populações estudantis.

Com relação ao estado civil, o presente estudo encontrou diferenças significativas entre sujeitos solteiros, casados e em união de fato, sendo que os primeiros eram os que apresentavam maiores níveis de adição à Internet. Estes resultados vão



ao encontro dos resultados obtidos por Pontes et al. (2014) tendo os autores encontrado diferenças significativas na adição à Internet entre sujeitos numa relação e sujeitos solteiros. Apesar disto devem ler-se com cuidado estes resultados, na medida em que o presente estudo não contabiliza as relações de namoro.

Os sujeitos foram ainda questionados sobre a sua perceção acerca do uso da Internet e de como este prejudicava ou não, a sua saúde física (e.g., O uso que dás à Internet prejudica a tua saúde física?). Os resultados encontrados indicam que sujeitos com perceção de que o uso da Internet prejudica a sua saúde física evidenciam, de facto, maiores níveis de adição, apontando para uma consciência de um possível impacto negativo da utilização problemática da Internet (Pontes et al., 2014).

Os sujeitos foram, igualmente, questionados acerca da influência que a não existência da Internet teria nas suas vidas (e.g., Achas que a tua vida seria mais triste sem Internet?). De novo, os resultados indicam diferenças significativas entre os dois grupos analisados, mostrando que sujeitos com esta perceção mostram resultados mais elevados nos scores do IAT. Estes resultados são importantes a nível da investigação, na medida em que demonstram que as perceções e, analogamente, as questões de autorrelato fornecem resultados credíveis. Os resultados encontram-se em consonância com o estudo de Pontes e Patrão (2014), em que os autores denotam que sujeitos com uma perceção de qualidade de vida geral mais reduzida percecionam-se com mais adictos à Internet. Também estão em linha com os resultados de Widyanto et al. (2011), que concluíram que sujeitos que se definiam como adictos à Internet tinham de facto scores mais elevados no IAT. Estes resultados poderão, portanto, demonstrar uma consciencialização da adição à Internet por parte dos sujeitos.

Por fim, os resultados encontrados demonstram uma associação positiva entre adição à Internet e os sintomas psicopatológicos anali-

sados, indicando assim níveis mais elevados de depressão, ansiedade, hostilidade e sensibilidade interpessoal em sujeitos mais adictos à Internet. Ainda, a análise das diferenças entre os três grupos (grupo de sujeitos com uso normal, grupo de sujeitos com adição leve e grupo de sujeitos com adição moderada) demonstra diferenças significativas do nível da adição entre estes. Os nossos resultados vão ao encontro com estudos que utilizaram o Symptom Checklist – 90 – Revision (SCL-90-R) (e.g., Alavi, Maracy, Jannatifard, & Eslami, 2011; Jang et al., 2008; Yang, 2001). A adição à Internet é também associada com ideação suicida (Kim et al., 2006) e sintomatologia obsessiva-compulsiva (Ha et al., 2007). Inclusivamente, um estudo por Lee et al. (2008), que analisa a relação entre adição à Internet e depressão através da análise de uma componente genética associada a depressão, obteve resultados que sugerem que sujeitos com adição à Internet poderão ter traços de personalidade, e de genética, similares a pacientes com depressão. Por fim, deve ter-se em consideração um estudo longitudinal conduzido por Ko et al. (2007), em que os autores analisaram a baixa hostilidade e a baixa sensibilidade interpessoal como fatores potenciadores da remissão da adição à Internet e que devem ser tidos em conta na prática clínica.

De uma perspetiva clínica, as adições podem representar uma tentativa de controlo de sintomas de depressão e ansiedade e, dessa forma, refletir esquemas nucleares de insegurança e sentimentos de vazio interior (Bahrainian et al., 2014). Igualmente importantes, e como já dissemos, é a hostilidade e a sensibilidade interpessoal, que podem ser fatores potenciadores da adição e, quando controladas, auxiliares no tratamento (Ko et al., 2007). Mais especificamente, a sensibilidade interpessoal, traduzida numa multiplicidade de dificuldades interrelacionais e agindo como fator precipitante de sintomas de depressão e ansiedade, deverá ser um dos principais focos do tratamento. Ainda, segundo Echeburúa e Corral

(2010), a terapia em sujeitos adictos deve focar-se, não na abstinência da Internet, mas sim no seu uso moderado e prevenção de recaídas.

*Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros*

De uma perspectiva clínica os resultados encontrados apontam para a necessidade de maior atenção por parte dos profissionais de saúde quanto aos hábitos desenvolvidos online, na medida em que estes poderão ocultar, afetar, ou agravar a sintomatologia psicopatológica, ou dificultar ou mesmo impedir o tratamento da mesma. Ainda assim, parece importante a percepção que o próprio indivíduo tem do seu grau de adição.

Com relação às limitações do estudo, em primeira análise, sobre o instrumento utilizado para medir a adição à Internet, dever-se-á ter em conta que os pontos de corte definidos são especulativos, não tendo sido conduzidos estudos empíricos que comprovem os mesmos (Pontes et al., 2014). Apesar disto, são de realçar também, algumas potencialidades da aplicação de questionários online, como a possibilidade de recrutar populações de difícil acesso, de obter uma amostra mais diversificada, garantindo o estado de anonimato e motivação dos participantes (Gosling & Mason, 2015).

Estudos futuros deverão objetivar a relação causal entre uso da Internet e psicopatologia, através de estudos longitudinais, por exemplo, tendo em atenção as várias características socio-demográficas, e ainda, analisar a população geral, desviando assim o foco da população estudantil.

### CONCLUSÃO

O nosso estudo conclui que a adição à Internet é uma problemática com associações à sintomatologia psicopatológica, realçando a necessidade de maior atenção por parte dos profissionais de saúde quanto aos hábitos desenvolvidos *online* e da percepção que o próprio indivíduo tem do seu grau de adição.

---

#### Agradecimentos:

Nada declarado.

---

#### Conflito de Interesses:

Nada declarado.

---

#### Financiamento:

Nada declarado.

---

### REFERÊNCIAS

- Alavi, S. S., Maracy, M. R., Jannatifard, F., & Eslami, M. (2011). The effect of psychiatric symptoms on the internet addiction disorder in Isfahan's university students. *Journal of Research in Medical Sciences*, 16(6), 793-800. Retirado de <http://jrms.mui.ac.ir>
- Bahrainian, S., Haji Alizadeh, K., Raeesoon, M., Hashemi Gorji, O., & Khazaei, A. (2014). Relationship of internet addiction with self-esteem and depression in university students. *Journal of Preventive Medicine and Hygiene*, 55(3), 86-89. doi: 10.15167/2421-4248/jpmh2014.55.3.433
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: BSI. In M. Simões, M. Gonçalves, L. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (vol. II, pp. 87-109). Braga: SHO/APPORT
- Chak, K., & Leung, L. (2004). Shyness and locus of control as predictors of internet addiction and internet use. *CyberPsychology & Behavior*, 7(5), 559-570. doi: 10.1089/cpb.2004.7.559
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Derogatis, L. R., & Spencer, M. S. (1982). *The Brief Symptom Inventory (BSI): Administration, scoring, and procedures manual-I*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University School of Medicine, Clinical Psychometrics Research Unit.
- Echeburúa, E., & de Corral, P. (2010). Addiction to new technologies and to online social networking in young people:

- A new challenge. Adicciones*, 22(2), 91-95. Retirado de <http://www.adicciones.es>
- Fernández-Villa, T., Molina, A. J., García-Martín, M., Llorca, J., Delgado-Rodríguez, M., & Martín, V. (2015). Validation and psychometric analysis of the internet addiction test in Spanish among college students. *BMC Public Health*, 15(1), 953. doi: 10.1186/s12889-015-2281-5
- Gámez-Guadix, M., Calvete, E., Orue, I., & Las Hayas, C. (2015). Problematic internet use and problematic alcohol use from the cognitive-behavioral model: A longitudinal study among adolescents. *Addictive Behaviors*, 40, 109-114. doi: 10.1016/j.addbeh.2014.09.009
- Gosling, S. D., & Mason, W. (2015). Internet research in psychology. *Annual Review of Psychology*, 66, 877-902. doi: 10.1146/annurev-psych-010814-015321
- Griffiths, M. D. (2000). Internet addiction: Time to be taken seriously?. *Addiction Research and Theory*, 8(5), 413-418. doi: 10.3109/16066350009005587
- Ha, J. H., Kim, S. Y., Bae, S. C., Bae, S., Kim, H., Sim, M., ... Cho, S. C. (2007). Depression and internet addiction in adolescents. *Psychopathology*, 40(6), 424-430. doi: 10.1159/000107426
- Hardie, E., & Tee, M. Y. (2007). Excessive internet use: The role of personality, loneliness and social support networks in internet addiction. *Australian Journal of Emerging Technologies & Society*, 5(1), 34-47. Retirado de <http://www.swin.edu.au/sbs/ajets/>
- Hawi, N. S., Blachnio, A., & Przepiorka, A. (2015). Polish validation of the internet addiction test. *Computers in Human Behavior*, 48, 548-553. doi: 10.1016/j.chb.2015.01.058
- Internet users (per 100 people). (n.d.). Retirado de <http://data.worldbank.org/indicator/IT.NET.USER.P2>
- Issa, T., & Isaias, P. (2016). Internet factors influencing generations Y and Z in Australia and Portugal: A practical study. *Information Processing & Management*, 52(4), 592-617. doi: 10.1016/j.ipm.2015.12.006
- Jang, K. S., Hwang, S. Y., & Choi, J. Y. (2008). Internet addiction and psychiatric symptoms among Korean adolescents. *The Journal of School Health*, 78(3), 165-171. doi: 10.1111/j.1746-1561.2007.00279.x
- Khazaal, Y., Billieux, J., Thorens, G., Khan, R., Louati, Y., Scarlatti, E., ... Zullino, D. (2008). French validation of the internet addiction test. *CyberPsychology & Behavior*, 11(6), 703-706. doi: 10.1089/cpb.2007.0249
- Khoshakhlagh, H., & Faramarzi, S. (2012). The relationship of emotional intelligence and mental disorders with internet addiction in internet user's university students. *Addiction & Health*, 4(3-4), 133-141. Retirado de <http://ahj.kmu.ac.ir>
- Kim, K., Ryu, E., Chon, M. Y., Yeun, E. J., Choi, S. Y., Seo, J. S., & Nam, B. W. (2006). Internet addiction in Korean adolescents and its relation to depression and suicidal ideation: A questionnaire survey. *International Journal of Nursing Studies*, 43(2), 185-192. doi: 10.1016/j.ijnurstu.2005.02.005
- Ko, C. H., Liu, T. L., Wang, P. W., Chen, C. S., Yen, C. F., & Yen, J. Y. (2014). The exacerbation of depression, hostility, and social anxiety in the course of internet addiction among adolescents: A prospective study. *Comprehensive Psychiatry*, 55(6), 1377-1384. doi: 10.1016/j.comppsy.2014.05.003
- Ko, C. H., Yen, J. Y., Chen, C. C., Chen, S. H., Wu, K., & Yen, C. F. (2006). Tridimensional personality of adolescents with internet addiction and substance use experience. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 51(14), 887-894. doi: 10.1177/070674370605101404
- Ko, C. H., Yen, J. Y., Chen, C. S., Yeh, Y. C.,

- & Yen, C. F. (2009). Predictive values of psychiatric symptoms for internet addiction in adolescents: A 2-year prospective study. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 163(10), 937-943. doi: 10.1001/archpediatrics.2009.159
- Ko, C. H., Yen, J. Y., Yen, C. F., Lin, H. C., & Yang, M. J. (2007). Factors predictive for incidence and remission of internet addiction in young adolescents: A prospective study. *CyberPsychology & Behavior*, 10(4), 545-551. doi: 10.1089/cpb.2007.9992
- Kraut, R., Patterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet paradox: A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *The American Psychologist*, 53(9), 1017-1031. doi: 10.1037/0003-066X.53.9.1017
- Lai, C. M., Mak, K. K., Watanabe, H., Ang, R. P., Pang, J. S., & Ho, R. C. (2013). Psychometric properties of the internet addiction test in Chinese adolescents. *Journal of Pediatric Psychology*, 38(7), 794-807. doi: 10.1093/jpepsy/jst022
- Lee, B. W., & Leeson, P. R. (2015). Online gaming in the context of social anxiety. *Psychology of Addictive Behaviors*, 29(2), 473-482. doi: 10.1037/adb0000070
- Lee, Y. S., Han, D. H., Yang, K. C., Daniels, M. A., Na, C., Kee, B. S., & Renshaw, P. F. (2008). Depression like characteristics of 5HTTLPR polymorphism and temperament in excessive internet users. *Journal of Affective Disorders*, 109(1-2), 165-169. doi: 10.1016/j.jad.2007.10.020
- Liberatore, K. A., Rosario, K., Martí, L. N. C. D., & Martínez, K. G. (2011). Prevalence of internet addiction in latino adolescents with psychiatric diagnosis. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 14(6), 399-402. doi: 10.1089/cyber.2010.0252
- Milani, L., Osualdella, D., & Di Blasio, P. (2009). Quality of interpersonal relationships and problematic internet use in adolescence. *CyberPsychology & Behavior*, 12(6), 681-684. doi: 10.1089/cpb.2009.0071
- Ni, X., Yan, H., Chen, S., & Liu, Z. (2009). Factors influencing internet addiction in a sample of freshmen university students in China. *Cyberpsychology & Behavior*, 12(3), 327-330. doi: 10.1089/cpb.2008.0321
- Niemz, K., Griffiths, M., & Banyard, P. (2005). Prevalence of pathological internet use among university students and correlations with self-esteem, the general health questionnaire (GHQ), and disinhibition. *CyberPsychology & Behavior*, 8(6), 562-570. doi: 10.1089/cpb.2005.8.562
- Notar, C. E., Padgett, S., & Roden, J. (2013). Cyberbullying: Resources for intervention and prevention. *Universal Journal of Educational Research*, 1(3), 133-145. doi: 10.13189/ujer.2013.010301
- Ostovar, S., Allahyar, N., Aminpoor, H., Moafian, F., Nor, M. B. M., & Griffiths, M. D. (2016). Internet addiction and its psychosocial risks (depression, anxiety, stress and loneliness) among Iranian adolescents and young adults: A structural equation model in a cross-sectional study. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 14(3), 257-267. doi: 10.1007/s11469-015-9628-0
- Pallant, J. (2011). *SPSS survival manual A step by step guide to data analysis using SPSS for windows* (4<sup>a</sup> Ed.). Australia: Allen & Unwin.
- Panayides, P., & Walker, M. J. (2012). Evaluation of the psychometric properties of the internet addiction test (IAT) in a sample of Cypriot high school students: The rasch measurement perspective. *Europe's Journal of Psychology*, 8(3), 327-351. doi: 10.5964/ejop.v8i3.474
- Pontes, H. M., Patrão, I. M., & Griffiths, M. D. (2014). Portuguese validation of the

- internet addiction test: An empirical study. *Journal of Behavioral Addictions*, 3(2), 107-114. doi: 10.1556/JBA.3.2014.2.4
- Pontes, H., & Patrão, I. (2014). An exploratory study on the perceived motivations underpinning excessive internet use among adolescents and young adults. *Psychology, Community & Health*, 3(2), 90-102. doi: 10.5964/pch.v3i2.93
- Santos, V. A., Freire, R., Zugliani, M., Cirillo, P., Santos, H. H., Nardi, A. E., & King, A. L. (2016). Treatment of internet addiction with anxiety disorders: Treatment protocol and preliminary before-after results involving pharmacotherapy and modified cognitive behavioral therapy. *JMIR Research Protocols*, 5(1), e46. doi: 10.2196/resprot.5278
- Seo, M., Kang, H. S., & Yom, Y. H. (2009). Internet addiction and interpersonal problems in Korean adolescents. *CIN: Computers, Informatics, Nursing*, 27(4), 226-233. doi: 10.1097/NCN.0b013e3181a91b3f
- Sharma, A., Sahu, R., Kasar, P. K., & Sharma, R. (2014). Internet addiction among professional courses students: A study from central India. *International Journal of Medical Science and Public Health*, 3(9), 1069-1073. doi: 10.5455/ijmsph.2014.18062014i
- Shaw, M., & Black, D. W. (2008). *Internet addiction*. *CNS drugs*, 22(5), 353-365. doi: 10.2165/00023210-200822050-00001
- Silke, A. (2003). Deindividuation, anonymity, and violence: Findings from Northern Ireland. *The Journal of Social Psychology*, 143(4), 493-499. doi: 10.1080/00224540309598458
- Tao, Z., Wu, G., & Wang, Z. (2016). The relationship between high residential density in student dormitories and anxiety, binge eating and internet addiction: A study of Chinese college students. *SpringerPlus*, 5(1), 1579. doi: 10.1186/s40064-016-3246-6
- Weinstein, A., Dorani, D., Elhadfi, R., Bukovza, Y., Yarmulnik, A., & Dannon, P. (2015). Internet addiction is associated with social anxiety in young adults. *Annals of Clinical Psychiatry*, 27(1), 4-9. doi: 10.1093/med/9780199380183.003.0001
- Whitty, M. T. (2005). The realness of cybercheating men's and women's representations of unfaithful internet relationships. *Social Science Computer Review*, 23(1), 57-67. doi: 10.1177/0894439304271536
- Whitty, M. T., & Quigley, L. L. (2008). Emotional and sexual infidelity offline and in cyberspace. *Journal of Marital and Family Therapy*, 34(4), 461-468. doi: 10.1111/j.1752-0606.2008.00088.x
- Widyanto, L., Griffiths, M. D., & Brunsten, V. (2011). A psychometric comparison of the internet addiction test, the internet-related problem scale, and self-diagnosis. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 14(3), 141-149. doi: 10.1089/cyber.2010.0151
- Yang, C. K. (2001). Sociopsychiatric characteristics of adolescents who use computers to excess. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 104(3), 217-222. doi: 10.1034/j.1600-0447.2001.00197
- Yen, J. Y., Ko, C. H., Yen, C. F., Chen, S. H., Chung, W. L., & Chen, C. C. (2008). Psychiatric symptoms in adolescents with internet addiction: Comparison with substance use. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 62(1), 9-16. doi: 10.1111/j.1440-1819.2007.01770.x
- Yen, J. Y., Ko, C. H., Yen, C. F., Wu, H. Y., & Yang, M. J. (2007). The comorbid psychiatric symptoms of internet addiction: Attention deficit and hyperactivity disorder (ADHD), depression, social phobia, and hostility. *Journal of Adolescent Health*, 41(1), 93-98. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.02.002
- Yen, J. Y., Yen, C. F., Wu, H. Y., Huang, C.

- J., & Ko, C. H. (2011). Hostility in the real world and online: The effect of internet addiction, depression, and online activity. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 14(11), 649-655. doi: 10.1089/cyber.2010.0393
- Young, K. S. (1996). Psychology of computer use: XL. Addictive use of the internet: A case that breaks the stereotype. *Psychological Reports*, 79(3), 899-902. doi: 10.2466/pr0.1996.79.3.899
- Young, K. S. (1998). Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder. *Cyberpsychology & Behavior*, 1(3), 237-244. doi: 10.1089/cpb.1998.1.237
- Young, K. S. (2011). CBT-IA: The first treatment model for internet addiction. *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 25(4), 304-312. doi: 10.1891/0889-8391.25.4.304
- Young, K. S., & De Abreu, C. N. (Eds.). (2010). *Internet addiction: A handbook and guide to evaluation and treatment*. EUA: John Wiley & Sons.